

# DIÁRIO DO CAPTAIN TOMB<sup>1</sup>

Relato do *Captain Tomb*<sup>1</sup> sobre sua permanência na América do Sul, durante a Guerra entre o Brasil e o Paraguai.

Tradução livre e comentários de: FERNANDO M. BATISTA DA COSTA  
Capitão-de-Mar-e-Guerra (Ref<sup>o</sup>)

---

## APRESENTAÇÃO

*Em um dia do ano de 1962, servindo no Gabinete da Diretoria do Pessoal da Marinha, o Almirante José Moreira Maia, diretor e meu chefe, entregou-me cópia de um documento datilografado, escrito em língua inglesa, com o título acima, dizendo-me tratar-se de interessante testemunho sobre episódios da Guerra do Paraguai, principalmente quanto ao emprego bélico da minagem, nas suas diversas formas, provavelmente pela primeira vez em águas abaixo da Linha do Equador.*

*A origem do documento, nele aliás não revelada, escapava à lembrança do almirante, que o identificava apenas como obtido de um(a) historiador(a), provavelmente algum dos muitos encontrados nas famílias Lahmeyer/Leite, da sua esposa.*

*Na sua tradicional modéstia, disse-me o Almirante Maia que, como a minha proficiência na língua inglesa era melhor do que a dele, eu seria capaz de produzir uma tradução mais fiel e que pudesse ser melhor aproveitada pela Marinha. Acrescentou, ainda, que o tema poderia ser-me útil, nos futuros cursos da Escola de Guerra Naval, previstos na minha carreira.*

*Os acontecimentos políticos envolvendo a Marinha e, posteriormente a nação, na década de 60, fizeram com que, primeiro, a tradução fosse postergada e depois que o documento desaparecesse, no meio da infinidade de papéis que, à época, transitavam dos gabinetes dos almirantes deixados sem comissão para a casa dos seus oficiais de confiança e vice-versa.*

*A finesse do Almirante Maia, por outro lado, jamais lhe permitiu "cobrar-me" a tarefa, principalmente por não se tratar de assunto de serviço.*

*Uma recente mudança de residência fez aparecer o documento, bastante esmaecido pelo tempo decorrido desde a ocasião da sua impressão, permitindo-me honrar, embora com bastante atraso, o compromisso assumido, o que fiz com grande satisfação, não só pelo interesse do texto que se verá a seguir, como em merecida homenagem ao sempre lembrado chefe e amigo, que tinha as coisas da Marinha em permanente destaque na sua vida.*

*O texto, datilografado por alguém que certamente copiou o manuscrito (o título em inglês é "Tomb's manuscript"), além de reproduzir a linguagem coloquial e de uso no século XIX, grafa erradamente palavras da língua portuguesa, principalmente nomes de pessoas e coisas. No conteúdo, que é na realidade um relatório e não um diário, já que não é respeitada uma cronologia dos fatos relatados, encontramos uma mistura de episódios navais com costumes da época da monarquia, estes bastante estranhos para os dias de hoje, principalmente pela simplicidade com que atuavam os poderosos da época. Nos episódios navais, encontram-se valiosas contribuições ao conhecimento de alguns fatos ocorridos durante as campanhas fluviais; ao mesmo tempo ali está o julgamento de um estrangeiro, com vivência internacional, sobre a nossa gente e seus costumes.*

*Na ausência de referências ou informações que permitissem validar o texto, que se apresenta em cópia não assinada, citando nomes abreviados ou grafados de forma confusa, vali-me da prestígio colaboração do Capitão-de-Mar-e-Guerra Dino Willy Cozza, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Militar e que também serviu no gabinete do Almirante Moreira Maia, quando na chefia do Estado-Maior da Armada, para, através do exame dos nomes de navios e autoridades brasileiras citados e em confronto com datas e situações, opinar sobre a*

*qualidade do relato e esclarecer alguns aspectos duvidosos. Da sua colaboração, em conjunto com a Historiadora Angela Fonseca Souza Assis, do Serviço de Documentação da Marinha, resultaram a confirmação da veracidade do texto e grande parte das notas de rodapé que o acompanham e esclarecem. Sem a ajuda dessas duas autoridades no campo da história militar, não me aventuraria a divulgar o resultado da tradução como ora faço, na certeza da sua autenticidade.*

## RUMO À AMÉRICA DO SUL

Quando a Guerra Civil terminou, em 1865, eu, como muitos outros confederados, não tínhamos o que fazer e as perspectivas para o futuro no Sul do meu país eram mínimas. Tive sorte de, com a ajuda de alguns amigos em Filadélfia, conseguir emprego numa companhia petrolífera, em Oil City-Pensilvânia, para cavar poços em uma fazenda, que eles haviam adquirido por US\$ 25 mil na presunção de que havia petróleo no local.

Tinha sob minhas ordens uma gang de cerca de cinquenta homens, todos militares unionistas<sup>2</sup>, sobreviventes da guerra. No grupo, havia um major e um capitão, trabalhando para mim, mas eles não sabiam que eu era um rebelde e tampouco me dei ao trabalho de informá-los sobre o fato. Constituíam um belo grupo de homens e, com exceção de um, de nenhuma forma eram inamistosos com o Sul.

Este um era um extremista e dizia, à noite no campo, que o Sul estava cheio de serpentes ou de rebeldes que, como serpentes, retornariam à vida para nos exterminar. Ele era um dos melhores trabalhadores do grupo, porém um dia deixou cair uma ferramenta num poço, do que me aproveitei para solicitar ao superintendente, em Oil City, que lhe desse outra tarefa; apesar das suas qualidades não o queria mais sob minhas ordens.

Ele foi e nunca mais regressou, o que se constituiu em boa lição para o grupo.

Uma grande quantidade de poços estava sendo cavada na minha seção e nada era mais importante para encorajar o investimento do que a elevação de uma torre; todo o mundo queria, portanto, levantar torres...

Relatórios sobre presença de petróleo eram sempre favoráveis, não importando que se bombeasse água doce, água salgada ou ar, para que o resultado fosse sempre indicado como bom...

Bastava que o poço produzisse cinco barris de petróleo para que o custo de sua exploração tivesse sido pago.

O meu grupo completou a escavação de três poços, antes que eu deixasse a fazenda, e nenhuma gota de petróleo fora obtida.

Antes da minha partida para a América do Sul, a companhia faliu, com um prejuízo de US\$ 50 mil.

Indo para Nova York, recebi cartas de apresentação do Ministro argentino Sarmiento, endereçadas ao General Mitre, presidente da Argentina, e deixei a cidade, a bordo da Barca *Clareta*, sob o comando do Comandante Race, rumo a Buenos Aires.

Depois de 77 dias, chegamos à entrada do Rio da Prata, quando enfrentamos um pampeiro que quase destruiu a *Clareta*, enquanto passávamos entre a Ilha de Lobos e o Farol de Maldonado. Em um momento, estávamos tão perto da costa que o Comandante Race pensou que o navio estivesse perdido.

Chegando a Montevideo, o Comandante Race levou-me ao melhor hotel para um bom jantar. Tendo ele me dito dominar bem a língua espanhola, dei-lhe o cardápio para que escolhesse. *Beef steak* era o seu limite

e nós tivemos, então, uma refeição limitada a dois bifés, já que seu espanhol não era nada melhor do que o meu. Com o passar do tempo, em todas as ocasiões em que voltava a Montevideo, lembrava-me sempre daquele jantar e do Comandante Race.

Ao chegar ao ancoradouro externo de Buenos Aires, algumas milhas distante de terra, fomos informados de que o transporte de cada pessoa para terra custaria \$100<sup>3</sup>. Como o total das minhas reservas financeiras só atingia US\$ 10, parecia que eu tinha um sério problema; logo descobri, porém, que aquela despesa não chegava a mais de US\$ 4, uma vez que o dinheiro de papel norte-americano estava praticamente a par com o dinheiro confederado.

Naquela época, todas as cargas para Buenos Aires tinham de ser colocadas em pequenas barcas e aguardar a maré para serem transportadas para terra; com a maré baixa, carroças eram levadas até próximo às barcas para retirar a carga, que era levada para o porto ou para a Alfândega.

O molhe para passageiros estendia-se por uma longa distância e era construído em madeira.

Tive sorte em conseguir um quarto, a preço moderado, na casa das senhoras Bradley, duas irmãs muito amistosas, de boa aparência e amigas da boa música.

Um pequeno incidente, muito desagradável para mim, marcou minha estada naquela casa. Durante um jantar, um dos hóspedes fez uma observação que me desagradou, levando-me a dar uma resposta em linguagem muito forte e a abandonar a mesa, retirando-me envergonhado para meu quarto, ao perceber que as Bradleys haviam reparado nos meus modos.

---

---

### **É muito raro encontrar-se tão boas qualidades, a um só tempo, em alguém ocupando uma posição como a do Almirante Tamandaré**

---

---

No quarto, estava conferindo meus recursos, quando recebi a visita de um outro hóspede, que se apresentou como Sr. Sullivan, um empresário. Ele me tranqüilizou, informando-me que a senhora Bradley e as suas filhas haviam ficado a meu favor, achando que o que eu dissera estava certo. O Sr. Sullivan disse-me, então, que teria prazer em me emprestar algum dinheiro, caso eu estivesse necessitado. Levei algum tempo para dizer alguma coisa, quando então ele me entregou US\$ 50. Disse-lhe que bastavam US\$ 30, ao que ele retrucou declarando que, se a qualquer tempo eu precisasse de mais, bastaria avisar para que ele arranjasse. Paguei-lhe o empréstimo seis a oito meses depois.

Cerca de um ano após, um amigo contou-me que Sullivan estava em Buenos Aires, sem um centavo no bolso, por haver perdido todos os seus bens em um contrato para retirar, sem sucesso, um navio encalhado em um banco no Rio Paraná. Dei a Watson, esse amigo comum, um cheque, no valor de US\$ 50, contra um banco em Buenos Aires, para que entregasse a Sullivan, com a informação de que ele poderia dispor de mais, se precisasse. Aquela quantia me foi paga poucos meses depois, tão logo ele obteve um bom contrato. Tinha sido utilizada para comprar boas roupas, para que ele pudesse se apresentar decentemente em qualquer negociação.

Uma das minhas cartas de apresentação, de autoria do Tenente Mitre, com quem eu estivera em Nova York e que era filho do Presidente Mitre, era endereçada ao proprietário de um jornal. Quando a apresentei no seu escritório, sem saber falar espanhol, deparei-me com um senhor idoso e muito simpático que, detrás de uma escrivaninha, sem saber falar inglês, fez o possível para me fazer entender, por gestos e mímica, que o Presidente

estava fora, em Palermo. Estava quase saindo quando um senhor que falava espanhol e inglês chegou e explicou-me tudo.

Eu havia trazido três cartas de apresentação mas nunca fiz uso delas. Aprendi que seria, sempre, mandado voltar amanhã — *mañana*...

Depois de várias tentativas, descobri que o General Mitre estava no rio<sup>4</sup> com o exército e recebi uma passagem de primeira classe no *St. Espigade*<sup>5</sup> para subir o rio... Disseram-me para procurar o Almirante Tamandaré, que estava no comando da Marinha brasileira. Quando o encontrei, verifiquei tratar-se de um perfeito oficial e um *gentleman*. Sua habilidade em inglês era melhor do que a minha em português. Nós nos entendemos muito bem e ele me deu uma passagem para o Rio de

Janeiro, no Navio-Transporte *Lily Bell*, cujo comandante era o Capitão De Forrest, que eu já havia encontrado em Charleston, quando ele comandava o bloqueio<sup>6</sup>.

Chegando ao Rio de Janeiro, apresentei uma carta do almirante ao Ministro da Marinha (Lobo)<sup>7</sup>. Fui, então, enviado ao Ministro Sarai-

va<sup>8</sup>, dos Negócios Exteriores, que me deu uma outra carta de apresentação, esta endereçada ao Imperador D. Pedro II, que estava em seu palácio, em São Cristóvão, a algumas milhas de distância.

## ENTREVISTA COM D. PEDRO II

Chegando ao palácio, um guarda pegou a carta dirigida ao Imperador e me conduziu a uma sala de espera, no segundo andar, de onde um oficial deveria levar-me à presença do Imperador. Havia um número razoável de oficiais da Marinha na sala de espera. Todos portavam condecorações; realmente, todos pareciam almirantes! Depois de um curto es-

---

### Quando o encontrei, (Almirante Tamandaré) verifiquei tratar-se de um perfeito oficial e um *gentleman*

---

paço de tempo, disseram-me que o Imperador estava pronto para me receber e eu atravessei uma porta, entrando em um alpendre, com vista para um jardim.

Não vendo ninguém, estava me dirigindo para a direita, onde não havia uma porta normal, apenas uma cortina pesada, com as Armas do Brasil, quando ouvi um chamado e, virando-me, deparei-me com um senhor de fina aparência que me fez um sinal para que me aproximasse e me estendeu a mão. Pensando que ele esperava um aperto de mão, eu a apertei, e apertei fortemente, o que o deixou muito surpreso. Então ele passou entre as cortinas pesadas, entrando em uma sala; eu fiquei esperando por uma outra chamada, quando ele retornou e, num inglês razoável, convidou-me a entrar.

Quando entrei na sala não havia nenhuma outra pessoa senão aquela cuja mão eu havia apertado e, após uma boa olhada nele, eu percebi que era o Imperador, em pessoa. Eu não sabia o que dizer! Evidentemente, ele viu que eu não lhe faltara com o respeito; era apenas um ignorante.

Fiquei com ele por cerca de trinta minutos. Nunca fiquei tão impressionado com quem quer que seja como fiquei com ele, que me pôs à vontade imediatamente.

Sem dúvida ele também tivera um choque, já que, como vim a descobrir depois, deveria ter beijado a mão que ele me estendera.

Tive duas outras entrevistas com o Imperador, que foram similares, porém sem apertos de mão...

Em uma outra ocasião, tendo eu retornado da região da guerra, o comandante do Arsenal (Braisneau)<sup>9</sup> pediu-me que permanecesse na sua sala, enquanto o Imperador estivesse lá.

O Imperador perguntou-me sobre as condições do teatro de guerra e eu lhe respondi:

"A Marinha estava pronta, porém o Exército ficara esperando por mulas e, quando as mulas chegaram, eles tinham que esperar pelo feno e, quando o feno chegava, metade das mulas tinha morrido e eles não podiam avançar." (sic)<sup>10</sup>

Eu duvido que houvesse, naquela época, um outro Imperador igual àquele; todos os seus pensamentos eram para o povo.

O Imperador (ao final da primeira entrevista) disse-me para procurar o Ministro Saraiva<sup>11</sup>, o que fiz no dia seguinte; como ele falava bem inglês, nós nos entendemos magnificamente.

Saraiva me informou que Lopes não tinha Marinha, no momento, porém, que caso eu pudesse sugerir alguma medida para remover os torpedos [minas]<sup>12</sup> do Rio Paraná, ele gostaria que eu lhe trouxesse sugestões e os planos no dia seguinte.

Voltando para o hotel, fiz um resumo daquilo que eu achava que poderia responder ao problema proposto e,

no dia seguinte, apresentei-o.

O ministro, imaginando que, tendo vindo da América do Norte eu deveria estar sem dinheiro, deu-me uma ordem de pagamento contra o Tesouro no valor de 400 mil réis. Deu-me, também, uma carta para o comandante do Arsenal para que ele me fornecesse toda a assistência e construísse um modelo de acordo com os meus desenhos. Fiquei na sala dos desenhos todo o domingo e selecionei o *Reminders*<sup>13</sup> como o mais adequado ao meu projeto. Trabalhando nele, impressionou-me a boa vontade e a confiança, em mim depositada, pelos oficiais.

O ministro pediu-me que submetesse os rascunhos ao comandante do Arsenal e, se

---

---

**Nunca fiquei tão impressionado com quem quer que seja como fiquei com o Imperador, que me pôs à vontade imediatamente**

---

---

ele os aprovasse, que eu retornasse para fazer um contrato. Quando submeti os planos a Broisneau<sup>14</sup>, ele me disse que nunca havia tido experiências com torpedos [minas] e que só queria saber se eu permaneceria no navio depois que o meu dispositivo estivesse instalado. Eu respondi que, certamente, sim, e ele, então, deu a sua aprovação.

O ministro deu uma ordem que me assegurava passagens de primeira classe, ida e volta, ao teatro de operações e eu fui distinguido com toda a cortesia. Meu contrato estabelecia que o Governo deveria dar-me notificações com dez dias de antecedência, se isto fosse do meu interesse. Tudo era a meu favor, feito pelo Ministro Saraiva. A impressão que eu deixara com os oficiais, do Imperador para baixo, fora sempre a melhor.

## NA ÁREA DE OPERAÇÕES

Quando o equipamento ficou pronto, foi embarcado em um navio-transporte e eu fui junto. Havia muitos oficiais a bordo, mas eu tinha um bom alojamento e a mesa era sempre boa. Havia um prato que eles comiam que era muito parecido com um que tínhamos no Sul, chamado *Hopping John*. Era uma mistura de carne, farinha, tomate, pimenta e *bacon*; tudo cozido junto. Normalmente, aquilo, para mim, era uma refeição.

Certo dia, estando no passadiço, de onde podia olhar diretamente para a cozinha, vi que o cozinheiro não usava camisa. Sua

transpiração era visível. Perguntei, ao oficial de serviço que prato estava sendo preparado, com a carne que ele cortava em pedaços antes de colocá-la na panela, junto com outros ingredientes, e mexer tudo com uma grande colher, ao mesmo tempo em que uma grande quantidade de seu suor caía, também, na panela. Ao jantar, não toquei naquele prato, alegando que estava com muita gordura para mim. Também

nada contei sobre o suor ao Comandante Rice, que estava a bordo e gostava muito daquele prato.

Quando chegamos ao Passo da Pátria, eu estava alojado na cabine do comandante junto com o Capitão-Tenente Barbosa<sup>15</sup>. Tanto ele quanto os outros oficiais não se mostravam excessivamente ansiosos para que o meu equipamento fosse instalado no *Tamandaré*<sup>16</sup>.

Naquele navio, havia um jovem alemão que sabia falar

português muito bem e o almirante o designou como intérprete, função na qual ele se houve com muito sucesso.

Depois que a minha máquina foi instalada, eu poderia dormir embaixo dela, mas nenhum outro oficial o faria.

Lopes podia lançar torpedos de superfície [minas flutuantes à deriva], durante a noite. Eram fabricadas por um homem chamado Bell, originário dos Estados Unidos.

Tais torpedos [minas], que desciam o rio na superfície, eram colocados no fundo de uma canoa, com o formato de uma caixa, contendo de 200 a 500 libras de pólvora.

---

**Seguindo ordens do Almirante (Tamandaré), subi pelo lado do rio onde estava o chaco e achei um cabo, vindo do banco, preso a uma árvore. O vigia não estava no seu posto. Cortei o cabo e amarrei-o, rapidamente, a uma bóia; assim, puxamos o torpedo (mina) para a margem, achando nele cerca de 700 libras de pólvora, dois terços da qual estavam úmidos e em más condições**

---

Explodiam por meio de pistola colocada na frente da caixa e acionada por uma linha ligada a uma outra canoa, que também descia o rio, um pouco acima da primeira.

Torpedos [minas] desse tipo nunca causaram qualquer dano aos navios brasileiros.

Outros torpedos [minas] estavam ancorados, por meio de cabos, no canal. Eles consistiam de um número de caixas cobertas com estanho, ficando a pólvora na terceira caixa. Cada peça tinha duas armas, conectadas a um

pistão, colocado no interior de um tubo cheio com ácido sulfúrico; quebrado este tubo, o fulminante resultante gerava a explosão. Submersos três a cinco pés abaixo da superfície, continham de 100 a 300 libras de pólvora.

Outros torpedos [minas de fundo] eram deixados pousados no fundo do rio. Um cabo, passado deles para o chaco ou para os bosques, rio acima, dava a um soldado que vigiava a subida de navios uma boa chance de explodi-los, desde que a pólvora estivesse seca.

Seguindo ordens do almirante (Tamandaré), subi pelo lado do rio onde estava o *chaco* e achei um cabo, vindo do banco, preso a uma árvore. O vigia não estava no seu posto. Cortei o cabo e amarrei-o, rapidamente, a uma bóia; assim, puxamos o torpedo [mina] para a margem, achando nele cerca de 700 libras de pólvora, dois terços da qual estavam úmidos e em más condições.

A maior parte do tempo que estive no Rio Para-guai, passei ligado ao En-couraçado *Tamandaré*, ao qual o meu equipamento estava associado e eu encarregado de manejá-lo.

Fazia refeições com o Comandante Barbosa<sup>17</sup> e o prático. Nessas ocasiões, o comandante me punha a par dos movimentos das nossas forças, usando palitos e pequenos pedaços de pão para dispor sobre a mesa os movimentos de avanço e recuo de cada divisão. Muito embora houvesse alguns combates, era sobremaneira monótono ver o tempo escoar-se entre nossas mãos sem nada a fazer, senão vigiar.

O Comandante Kepper, no comando de um navio-transporte, subiu o rio um dia, com carvão para a Esquadra, e me convidou para jantar. Na hora de retornar ao meu navio, Kepper disse que todas as embarcações miúdas haviam sido recolhidas para a noite e que eu deveria dormir a bordo e tomar um bom café da manhã no dia seguinte. Sem outra coisa para fazer, dormi a bordo.

Na manhã seguinte, antes que eu me levantasse, o navio já estava descendo o rio. Fiz Kepper entender que isto se constituía em uma situação muito séria para

mim. Então ele disse que iria se comunicar com o capitânia, para receber ordens e que eu poderia falar com o almirante. Disse-me, ainda, que eu poderia aproveitar para apresentar o meu pedido de demissão, caso quisesse regressar para o Rio de Janeiro. Assim fiz e o Almirante respondeu dizendo que não aceitaria o meu pedido, porque estava muito satisfeito com os serviços que eu já havia executado. Eu disse que não estava fazendo nada e ganhando um bom salário. O Almirante retrucou: "Como você pode fazer alguma coisa se nós não estamos fazendo nada? Volte para

---

**O Almirante Tamandaré  
tinha um grande salão e,  
muitas vezes, um grande  
número de convidados à  
sua mesa. Ele era um bom  
lingüista e podia, ao  
mesmo tempo, conversar  
com um oficial francês de  
um lado, com um espanhol  
de outro e dirigir-me  
algumas palavras em  
inglês, no lado oposto da  
mesa**

---

o *Tamandaré* e o Comandante Barbosa<sup>18</sup> vai mandá-lo para o meu navio, o *Apa*<sup>19</sup>, do qual você gostará mais.”

Quando voltei para o navio e fiz o meu relatório, o Comandante Barbosa não sabia o que fazer e me mandou ao chefe da divisão, o qual lhe informou que eu estava sob as ordens do Almirante e me mandou para o *Apa*.

Havia a bordo do *Tamandaré* um jovem tenente, de nome Victor De Lamare<sup>20</sup> que entendia inglês bem e se tornou um bom amigo, da mesma forma que outros oficiais. O meu intérprete, Foster, também dava-se muito bem comigo.

A bordo do *Apa*, eu tinha uma sala de estar em conjunto com o Tenente Alfredit, da Marinha sueca. Eu estava bem estabelecido! Nada acontecia na Esquadra, naquele momento, e o meu trabalho era suave!

O Almirante tinha um grande salão e, muitas vezes, um grande número de convidados à sua mesa. Ele era um bom linguísta e podia, ao mesmo tempo, conversar com um oficial francês de um lado, com um espanhol de outro e dirigir-me algumas palavras em inglês, no lado oposto da mesa. Algumas vezes eu não o entendia e tinha que olhar no seu rosto para descobrir se a resposta deveria ser sim ou não. Acho que ele fazia isto para mostrar sua capacitação na língua inglesa.

Houve um importante engajamento em Itapiru, entre uma chata (um barco de fundo chato) artilhada com um canhão giratório de

68 libras, guarnecida por paraguaios, que veio na direção da nossa esquadra de navios-couraçados e abriu fogo sobre nós a curta distância. O fogo da chata era bom, destruiu um canhão e feriu vários tripulantes do *Tamandaré*; o Tenente De Lamare<sup>21</sup> foi um deles. Depois de algum tempo a chata foi afundada, porém os paraguaios içaram o canhão durante a noite e o montaram noutra chata, reatacando da mesma posição. O primeiro tiro atingiu o *Tamandaré*, porém, logo a seguir, um tiro de um dos nossos navios atingiu o canhão e o destruiu; foi o fim daquele engajamento.

Quando os paraguaios evacuaram o forte<sup>22</sup>, o Almirante, pensando que ele pudesse estar minado, mandou-me inspecioná-lo, à procura de minas ou dos cabos ligados às mesmas. Não haviam nem minas nem canhões!

Pouco tempo antes da evacuação desse forte, os brasileiros tinham tomado uma pequena ilha bem em frente e lá estavam montando canhões. Uma noite, Lopes mandou uma expedição com

cerca de 900 homens para tomá-la, o que foi feito, massacrando todos os que estavam na ilha. Contudo, antes que as tropas paraguaias pudessem se retirar, os nossos navios abriram fogo e nem a metade conseguiu retornar. Durante dias, depois disso, era possível ver as camisas vermelhas, que todos eles usavam, flutuando no rio. Consta que tal expedição fora organizada por uma certa *Madame Lynch* Lopes, que estava com Lopes o tempo todo.

---

---

**Houve um importante engajamento em Itapiru, entre uma chata artilhada com um canhão giratório de 68 libras, guarnecida por paraguaios, que veio na direção da nossa esquadra de navios-couraçados e abriu fogo sobre nós a curta distância. O fogo da chata era bom, destruiu um canhão e feriu vários tripulantes do *Tamandaré*; o Tenente De Lamare foi um deles**

---

---

## DESTRUIÇÃO DO ENCOURAÇADO RIO DE JANEIRO POR UMA MINA

Durante minha permanência no navio capitânia, *Apa*, da Marinha brasileira, sob o comando do Almirante Tamandaré, recebi ordens para subir o rio, à noite, a fim de verificar se havia torpedos [minas] no canal, na margem pantanosa do rio (chaco), entre uma linha de estacas, com as quais Lopes pretendia fechar o canal navegável. O Prático-Mor Echebarne<sup>23</sup>, com uma guarnição de 12 homens, seguiu comigo. Levando uma garatêia e uma ferramenta de corte, achei uma passagem de cerca de oito pés de fundo, entre as estacas, na qual não havia nenhum torpedo [mina]. Logo do lado de fora da linha de estacas, entretanto, eu pude ver, pelo movimento das águas, que havia o que julgava ser três torpedos [minas], colocados entre o final da obstrução e uma bateria de dois canhões, guarnecida por paraguaios.

Retornando, rio abaixo, paramos a contra-bordo do *Rio de Janeiro*<sup>24</sup> e fizemos um claro relatório a respeito da passagem e também dos torpedos [minas] colocados entre as estacas e a bateria de canhões. O comandante do *Rio de Janeiro*, Comandante Silvado<sup>25</sup>, falava bem inglês e parecia ser um bom oficial.

Seguimos para o capi-tânia e, por volta de 1h30min da manhã, fizemos o mesmo relatório para o almirante.

Às 9h30min da manhã, três navios-couraçados, *Bahia*, *Brasil* e *Rio de Janeiro*, passaram rio acima, pela passagem que eu lhes relatara, sendo o *Rio de Janeiro* o último a passar.

Engajando a bateria inimiga, o Comandante Silvado<sup>26</sup> evidentemente esqueceu-se das instruções que havia recebido a respeito dos torpedos [minas] no canal e dirigiu seu navio para fora da obstrução, a fim de aproximar-se da bateria. Vi o navio caindo com a correnteza e a popa dirigindo-se para cima de um dos torpedos [minas]. Então, houve uma explosão instantânea e uma grande coluna d'água levantou-se e o navio afundou, levando consigo grande número dos oficiais e praças embarcados. O Comandante Silvado<sup>27</sup> chegou a sair parcialmente do navio, mas seu pé ficou preso e ele foi para o fundo com o seu navio.

O comandante do *Rio de Janeiro* tivera as melhores instruções sobre os torpedos [minas], porém as esqueceu ao tentar atingir a bateria com os canhões do seu navio.

Os paraguaios não se renderam e mantiveram o fogo dos canhões até o fim do episódio.

Curupaíti estava algumas milhas acima daquele ponto e fora trans-

formada num inferno pelos paraguaios, que tinham um canhão giratório de 8 polegadas, montado no ponto mais alto da encosta e uma trincheira voltada para o lado brasileiro. Havia, também, uma linha de estacas entre o chaco e o meio da correnteza.

O Almirante me deu uma escolta e mandou que eu fosse em direção ao *chaco* para verificar se havia algum cabo de torpedo [mina] na direção dos bosques. Deixei a escolta esperando, subi sozinho e achei um cabo vindo de um ponto no rio para uma árvore. Cortei-o e o amarrei a uma bóia, a fim de marcar a posição do torpedo [mina]. Quando ele foi içado, viu-se que continha 500 libras de pólvora, porém

---

**Recebi ordens para subir o  
rio, à noite, a fim de  
verificar se havia torpedos  
(minas) no canal, na  
margem pantanosa do rio  
(chaco), entre uma linha de  
estacas, com as quais Lopes  
pretendia fechar  
o canal navegável**

---

em tão más condições que dois terços delas estavam molhados. Estavam acondicionadas em três caixas, uma dentro da outra e a caixa central era a que continha a pólvora. O sistema de disparo era o já descrito, com um gatilho, que, disparado pelo cabo, forçava o pistão para dentro de um tubo onde estava o ácido sulfúrico; este liberado formava o fulminato que causava a explosão. A construção era muito pobre, mas, sem dúvida, se um navio houvesse passado sobre ele(a), antes que a pólvora ficasse molhada, o navio estaria perdido.

No ponto onde achei o cabo amarrado à árvore, havia uma manta de couro bovino, no chão, e um bloco de madeira, para o observador sentar. Subi até chegar em frente a Curupaiti e, com meu binóculo, pude ter uma visão de toda a encosta. Além do canhão de oito polegadas, tanto quanto pude ver, não havia outros.

Fiz meu relatório para o almirante, que ficou muito satisfeito; mas, quando eles resolveram atacar, três semanas depois, Lopes já havia montado cerca de trinta canhões, apontados para os aliados. Tinham sido três semanas perdidas...

Então, o Almirante quis saber se havia águas navegáveis entre aquelas estacas e o *chaco*. Fui mandado para lá, em uma lancha comandada por um guarda-marinha. Quando estávamos na metade do caminho, rio acima, o guarda-marinha viu um objeto que ele tomou por um torpedo [mina] flutuante. Os paraguaios teriam colocado uma caixa contendo pólvora em uma canoa com uma arma de fogo

apontada para a caixa e um longo cabo ligado a uma canoa tripulada. Quando a canoa com o explosivo estivesse próxima a um navio, eles puxariam o cabo, causando a explosão.

Fiz o intérprete Foster dizer ao guarda-marinha para cruzar a correnteza, quando eu, então, cortaria o cabo com a minha ferramenta de corte, porém ele guinou a embarcação na direção oposta, a favor da corrente,

esgotando o tempo disponível e levando ao encerramento da primeira expedição. O objeto do qual fugiramos era, em realidade, uma canoa vazia...

Cerca de dez dias depois, fizemos uma outra tentativa. Desta vez, estávamos em duas canoas; uma comandada pelo Tenente Victor De Lamare<sup>28</sup> e a outra pelo Prático-Mor Echebarne<sup>29</sup>. Já tínhamos percorrido uma razoável distância, margeando o rio, no lado do *chaco*, quando o prático nos informou ter visto algumas canoas cruzando do lado paraguaio. Victor perguntou-me o que achava e eu lhe disse para prosseguir.

Logo a seguir, ouviu-se um barulho nos bosques próximos e ambas as canoas guinaram, descendo o rio em boa velocidade. Isto foi o fim da segunda expedição.

Este foi um dia ruim para mim, porém Victor disse que fora sua a decisão e não minha, pois ele estava no comando. Fui ao Chefe Barros<sup>30</sup> e lhe pedi que designasse quatro índios da tripulação dos navios e nenhum oficial, para sob minhas ordens cumprirem a missão; eu seria responsável pelo retorno. O chefe ficou em dúvida quanto ao meu pedido, mas, final-

---

**O Almirante Tamandaré me deu uma escolta e mandou que eu fosse em direção ao *chaco* para verificar se havia algum cabo de torpedo (mina) na direção dos bosques.**

**Deixei a escolta esperando, subi sozinho e achei um cabo vindo de um ponto no rio para uma árvore.**

**Cortei-o e o amarrei a uma bóia, a fim de marcar a posição do torpedo (mina)**

---

mente, concordou. Emprestou-me o seu binóculo noturno e o seu revólver.

Deixamos o capitânia à meia-noite; eu ia de pé na proa e Foster<sup>31</sup> no leme. Em frente aos piquetes paraguaios, os homens pararam de remar. Perguntei a Foster qual era o problema; ele me disse que os homens tinham medo que eu pudesse entregá-los a Lopes, já que eu não era brasileiro. Abaixei o binóculo, apontei a pistola para o homem mais próximo a mim, pedindo a Foster que lhes dissesse que, caso não remassem imediatamente, iriam se dar mal. Eles reagiram rapidamente!

Chegamos às estacas e achamos uma boa passagem, sem torpedos [minas] entre elas e o *chaco*. No final das estacas, entre elas e a encosta, todas as indicações eram da existência de dois a três torpedos [minas] flutuando, logo abaixo da superfície.

A fim de confirmar a veracidade do que eu iria relatar, fiz Foster tirar sua camisa e prendê-la, rapidamente, ao topo de uma estaca. Na manhã seguinte, a camisa branca estava bem visível para nós e Foster tinha uma camisa a menos! Eu lhe dei, porém, uma das minhas, o que, para ele, consistiu numa boa troca.

O Almirante ficou muito aliviado com o meu relatório sobre o espaço navegável do lado do *chaco*; a “bandeira” branca deixada na estaca validara o meu relatório.

O Chefe Barros<sup>32</sup> presenteou-me com o seu revólver, o qual viria a ser utilizado, depois, em Assunção.

Dei uma boa informação a respeito dos quatro índios da minha equipe. Após a pequena parada, eles haviam trabalhado esplendidamente e demonstravam ter toda a confiança em mim. Também mencionei, no

meu relatório ao Almirante, que o encontro da “bandeira” branca na estaca poderia levar os paraguaios a colocar torpedos [minas] no canal, do lado do *chaco*, fechando assim a passagem que eu descobrira.

Durante o período de, no mínimo, três semanas que decorreu até o nosso avanço, os paraguaios colocaram um grande número de peças de artilharia terrestre atrás das trincheiras e construíram uma barreira de árvores e postes na frente das trincheiras.

O *Brasil*, o *Bahia* e o *Tamandaré*, três navios-couraçados, passaram as estacas, pelo lado do *chaco*, e pararam em frente à encosta, no meio da correnteza. Ali havia apenas o canhão giratório de 8 polegadas, montado em nível baixo no terreno, mas ele estava bem guarnecido, de tal forma que um lado inteiro da torreta de ferro do nosso canhão de 4 polegadas foi severamente perfurado e alguns parafusos da fixação na madeira começaram a se soltar. O *Brasil*, bem à frente de nós, teve um canhão desmontado e alguns elementos da tripulação feridos. O *Bahia* era um navio-torre e foi atingido,

somente, poucas vezes.

Cerca das 3 horas da tarde, o Almirante sinalizou, determinando o regresso rio abaixo, já que o Exército falhara na tentativa de tomar a posição.

Cerca de dois terços dos nossos tiros haviam passado por cima da encosta ou haviam atingido a margem e o último tiro foi disparado pelo canhão de 8 polegadas da encosta. Não fomos bem-sucedidos de nenhuma maneira, haja vista que os paraguaios nos haviam sobrepujado a ambos: Marinha e Exército.

---

---

**Ninguém pode  
questionar a decisão e  
a habilidade do  
Almirante (Tamandaré)  
e, na minha opinião,  
esta não era uma  
situação similar à de  
Farragut cruzando as  
baterias no  
Rio Mississipi**

---

---

Quando o *Tamandaré* guinou para rumar rio abaixo, sua popa aproximou-se a uma distância de poucos pés de um torpedo [mina]; eu estava muito perto, a bombordo, na ocasião. Foi uma situação de alto risco!

O Almirante estava ansioso para atacar, antes que Lopes reforçasse a praça, porém os aliados levaram tanto para decidir que Lopes já estava pronto para recebê-los, quando eles foram.

Houve uma boa quantidade de críticas na imprensa a respeito da incapacidade da Esquadra de subir o Rio Paraguai até Assunção, porém o Almirante Tamandaré recusou-se a fazê-lo, até que o Exército estivesse pronto a avançar e garantisse a posse do terreno conquistado. Ele estava certo, pois se fosse em frente sozinho os paraguaios teriam colocado torpedos [minas] no rio e abordado os navios. Ninguém pode questionar a decisão e a habilidade do Almirante e, na minha opinião, esta não era uma situação similar à de "Farragut"<sup>33</sup> cruzando as baterias no Rio Mississippi".

Era interessante ver quantos conselhos de guerra havia a bordo do capitânia. O Ministro Otaviano<sup>34</sup>, o General Osório e o General Polidoro, todos tinham que ser consultados, o que tomava vinte e um dias, muito embora Tamandaré estivesse pronto desde o primeiro dia. "Parecia haver um desejo do Exército em deixar para amanhã o que deveria ser feito hoje." (sic)

Enquanto eu estava no *Apa* com o Almirante, recebi uma carta do Comodoro T.R. Page, da Marinha dos Estados Confederados, que estava em Corrientes. Pedi permissão ao Almirante para descer o rio e ir vê-lo. O Almirante chamou seu ajudante de

ordens e fê-lo escrever uma carta ao Comodoro Page, convidando-o para me acompanhar de retorno ao *Apa*, onde seria seu hóspede. Levei a carta ao comodoro e ele veio comigo para o *Apa*, onde permaneceu, como convidado do Almirante Tamandaré, por algumas semanas.

O comodoro apreciou muito a permanência, porém não mais do que eu, que tive a oportunidade de verificar que o Almirante era tão hospitaleiro quanto bravo! É muito raro encontrar-se tão boas qualidades, a um só tempo, em alguém ocupando uma posição como a do Almirante Tamandaré.

## FATOS DA VIDA NO PARAGUAI, APÓS A QUEDA DE ASSUNÇÃO

Após a queda de Assunção, capital do Paraguai, a morte de Lopes e a captura da *Madame Lynch*, que estava com Lopes, a cidade ficou cheia de pessoas desesperadas que freqüentemente emboscavam os passantes quando de retorno para seus navios, à noite.

Um dos oficiais do navio a vapor *Guaira*, indo para bordo uma noite, em um bote de propriedade de um grego, foi atingido na cabeça por um barqueiro, para roubá-lo. Ao ser atingido, o oficial gritou e o Comandante Watson, do navio a vapor, e seu imediato partiram em seu socorro com o bote do navio. O barqueiro, vendo a aproximação deles, rumou para terra e abandonou o bote com o oficial desmaiado no fundo. Eu, que estava a bordo do *Guaira*, como hóspede, vi o Comandante Watson trazer o bote para contrabordo e transportar o oficial para bordo. O doutor cuidou do oficial e o bote, pertencente ao grego, foi colocado nos turcos. Quando o

*Guaira* retornou a Buenos Aires, o bote foi vendido por US\$ 16, quantia que foi entregue ao oficial assaltado, que assim não ficou muito prejudicado.

Havia um certo Doutor Newkirk que tinha uma farmácia no quarteirão do mercado, onde todas as pessoas que falavam inglês na cidade, bem como os oficiais dos navios, se encontravam à procura de notícias.

Estando lá, uma noite, resolvi retornar ao cais, cerca de 21 horas, para tomar o bote com destino ao navio. Na época, não havia calçadas e as ruas estavam em más condições.

Caminhando junto às paredes, ocorreu-me que o lugar mais seguro para andar seria o meio da rua, já que muitas pessoas tinham sido assaltadas ao passar próximo aos barracos que eles chamavam de casas. Estava bem próximo ao cais, quando um de dois homens, parados em um canto, partiu em minha direção. Parei e esperei que ele se aproximasse. Ele queria saber: "Que horas são". Disse-lhe que eu não tinha relógio e ele retrucou que eu tinha uma corrente. Eu tinha o revólver que o Chefe

Barros<sup>35</sup> havia me presenteado e dei ao indivíduo uma boa oportunidade de vê-lo, dizendo-lhe, ao mesmo tempo, que a rua era larga bastante para nós dois e que ele fosse para o lado direito, o que ele fez rapidamente enquanto eu prosseguia em direção ao cais.

Numa outra ocasião, nosso navio estava parado em Paraná, cidade que ficava um pouco longe da margem do rio. Eu estava bastante atrasado para retornar ao navio. Eram cerca de 20h30min e eu estava em dúvida quanto à direção a tomar para chegar ao cais. Vendo um grupo de nativos sentados próximo a um fogo, assando carne em um espeto, pergun-

tei-lhes a direção do cais; eles pareciam amistosos, porém suas expressões faciais, na escuridão do Paraná, faziam lembrar a má reputação daquela gente. A direção que eles me deram estava correta, porém a noite estava muito escura e a distância a percorrer era de uma milha ou mais.

Agradei-lhes e parti na direção indicada porém, logo adiante, dei uma volta e retornei à cidade, alojando-me num hotel e deixando o regresso ao navio para a manhã seguinte. Quando contei o fato ao Comandante Bloen,

ele me disse que eu agira corretamente, pois aqueles camaradas, certamente, me atingiriam antes que eu chegasse ao cais e eu não estava com a pistola. A vida de um homem, naquela época, após o anoitecer, valia pouco mais de 25 cents...

Eu diria que Vila Paraná era uma cidade muito "animada", já que as pulgas não me deixaram descansar durante toda a noite; porém, o proprietário do hotel era honesto e o hotel era um lugar seguro, durante a noite.

Os brasileiros, em particular, eram excessivamente

humanos no tratamento dispensado aos prisioneiros paraguaios enquanto Lopes não tomava prisioneiros e era um déspota da pior espécie. Ele estabelecera como regra deixar as famílias dos soldados no país para, em caso de deserção, penalizar seus membros.

O Almirante brasileiro, sendo informado da existência de um grande número de paraguaios, em uma vila chamada São Pedro, padecendo por falta de comida e roupas, mandou um navio a vapor, rio acima, que trouxe, no mínimo, 500 velhos, mulheres e crianças para Assunção, onde foi distribuída ração a todos eles. Eu os vi, quando chega-

---

---

**Os brasileiros, em particular, eram excessivamente humanos no tratamento dispensado aos prisioneiros paraguaios enquanto que Lopes não tomava prisioneiros**

---

---

ram, e o aspecto era penoso, principalmente porque eles pareciam pessoas que, em certa época, haviam tido boas casas na cidade.

Entre eles, havia uma jovem, aproximadamente com 14 anos – nesta idade, no Paraguai, elas são consideradas mulheres – que não tinha mais do que poucos trapos como vestido. Falava bem espanhol, enquanto a maioria dos nativos só falava guarani. Tinha cabelos ruivos, olhos entre azuis e pretos e traços finos. Eu disse ao taifeiro que lhe desse um lençol, com o qual pudesse fazer uma roupa; ela a fez em 5 minutos!

Ela cortou um buraco no meio, enfiou sua cabeça no buraco e amarrou uma corda na cintura, à guisa de cinto. Ficou parecendo bem vestida, em relação aos companheiros do seu grupo. Perguntei-lhe o que iria fazer, para viver, quando voltasse para casa; respondeu que não tinha casa na cidade, pois era do campo, e que seus pais estavam com ela. Disse, ainda, que iria vender coisas para o seu povo no mercado. Então, eu lhe dei US\$ 5 para começar o negócio e me esqueci do assunto.

No mercado – um espaço aberto ou uma praça – eles se sentavam numa pedra ou numa caixa, expunham sua mercadoria, constituída principalmente de tecidos de linha, musselina ou chita.

O Comandante Maer disse-me que havia comprado algum tecido de uma moça paraguaia e que, quando foi pagar, perguntou quanto ela cobraria por toda a mercadoria, incluindo a moça. Ela devolveu-lhe o dinhei-

ro, dizendo-lhe que “nem ele nem qualquer outro gringo poderia comprá-la”.

Algum tempo depois, passando pelo mercado, fui surpreendido ao encontrar Margarida, a minha pequena amiga de São Pedro. Ela havia investido os US\$ 5 que eu lhe dera em mercadorias e estava indo muito bem.

Sempre que eu ia a Assunção, passava pelo mercado, comprava algumas coisas e deixava com ela. Ela guardava seu dinheiro em uma pequena bolsa de couro, pendurada no pescoço, a qual me entregava para contar o total e ver quanto havia lucrado. Comprava suas mercadorias no armazém próximo ao mercado, que lhe entregava o material segundo o entendimento de que tudo o que não fosse vendido seria devolvido e creditado a seu favor. Perguntei-lhe como poderia vender pelo mesmo preço do mercado e ainda ter lucro. Ao concluir uma venda de tecido para uma mulher, Margarida contou-me que havia cortado cinco polegadas da sua vara de medir de uma jarda e que daí saía o seu lucro...

Apesar disso, ela era honesta em tudo aquilo que não fosse o seu negócio. Uma vez, enquanto conversava com ela, deu-me a bolsa para segurar e, sem querer, carreguei a bolsa comigo; ela correu atrás de mim, pediu a bolsa, colocou uma moeda dentro, tirou algum troco e devolveu-me a bolsa, retornando ao seu posto no mercado.

Certa ocasião, em Buenos Aires, encontrei uma senhora que se interessou pelo caso

---

---

**O Almirante brasileiro, sendo informado da existência de um grande número de paraguaios, em uma vila chamada São Pedro, padecendo por falta de comida e roupas, mandou um navio a vapor, rio acima, que trouxe, no mínimo, quinhentos velhos, mulheres e crianças para Assunção, onde foi distribuída ração a todos eles**

---

---

da moça e disse que poderia aceitá-la na família e dar-lhe todas as oportunidades. Quando contei isso a Margarida, ela me disse que não aceitava o convite, porque os argentinos eram inimigos do Paraguai. Percebi, então, que todas as mulheres, de classe alta ou baixa, tinham grande orgulho e dedicação ao seu país, porém tinham um grande medo de Lopes. Acho que as mulheres são as maiores patriotas em todos os países.

Quando o nosso navio recebeu ordem para regressar ao Rio de Janeiro, fui ao mercado para dizer adeus a Margarida e perguntei se ela queria ir para a América do Norte comigo. Ela me olhou e perguntou se poderia levar o pai e a mãe consigo. Disse-lhe que não. Então ela disse que a América era muito longe do Paraguai, porém que ela iria comigo. A minha pergunta não havia sido séria e a resposta pegou-me de surpresa; vi que não estava fazendo a coisa certa e senti-me muito mal. Não podendo dizer mais nada, peguei sua bolsa, coloquei US\$ 10 no interior e deixei a moça, pela última vez.

Durante a viagem pelo Rio Paraná, no navio *Santa Amecota*, fiz amizade com o padre Americus, que pertencia à tripulação. Ele rezou missa em uma pequena igreja em La Pousada, quando tive o prazer de ficar encarregado de tocar a sineta. O padre fez o possível para me converter, porém eu lhe disse que não era um bom sujeito para que ele perdesse o seu tempo.

Uma vez, estávamos jogando cartas (e ele estava bem no jogo), quando veio um chamado para que ele atendesse a um membro da

guarnição, que havia morrido. Ele saiu para fazer o serviço, mas não deixou as cartas na mesa e nós não sabíamos o que ele havia feito com elas; quando ele voltou, descobrimos que ele as guardara na manga...

O padre um dia não apareceu para uma refeição e foi achado morto no chão do salão. O doutor disse que a causa da sua morte fora *overdose* de alguma droga que ele tomava para os seus nervos.

Todas as noites, um *boy* arrumava a minha cama ou esteira no salão da mesa de refeições, com a cabeceira próxima a uma coluna. Naquela noite, depois que o padre morreu, o corpo foi deixado com a cabeça encostada na mesma coluna, mas eu não sabia disto. Quando o *boy* me perguntou sobre o local para arrumar a cama, respondi que seria o de sempre. O *boy* então disse: "Mas o padre..." e correu. Quando entrei no salão, para dormir, lá estava o meu amigo padre com sua cabeça a poucas polegadas do meu travesseiro e a visão não era das mais agradáveis.

Ai eu entendi o significado das palavras do *boy*. Avaliei a situação e, achando que se o padre não me fazia mal enquanto vivo, muito menos faria depois de morto, deitei-me ao seu lado, na certeza de que todos os oficiais que fossem ao salão naquela noite iriam fazer piadas a meu respeito, caso eu não tivesse dormido lá.

Levantei-me cedo no dia seguinte, sem poder dizer que havia passado uma noite tranquila. O corpo do padre foi levado para terra, em Humaitá, onde havia uma igreja grande. Éramos bons amigos e senti muito a sua morte.

---

**O padre era muito instruído e me dera uma explicação muito clara das razões causadoras da guerra com o Paraguai. A meu ver o Brasil estava certo e, por mais que D. Pedro quisesse, não poderia tê-la evitado. Lopes não era um presidente; era um déspota!**

---

O padre era muito instruído e me dera uma explicação muito clara das razões causadoras da guerra com o Paraguai. A meu ver o Brasil estava certo e, por mais que D. Pedro quisesse, não poderia tê-la evitado. Lopes não era um presidente; era um déspota!

## DE REGRESSO AO RIO DE JANEIRO

Depois da batalha de Itapiru e do nosso fracasso em tomar a posição, a imprensa do Rio de Janeiro levou o Imperador a modificar os comandos da tropa e da Marinha. O Almirante Tamandaré me informou que voltaria ao Rio e que eu poderia servir ao almirante que ocupasse o seu lugar. Disse-lhe que preferia retornar ao Rio de Janeiro, por não ter interesse em ficar com o novo almirante e que gostaria que ele aceitasse o meu pedido de demissão. Tamandaré respondeu que não poderia aceitar o pedido, mas que me autorizaria a ir ao Rio, para falar com o ministro da Marinha. Disse, ainda, que ele estava regressando a bordo da Corveta *Niterói* e que eu poderia ir com ele ou no navio *Presidente*, sob o comando do Comandante Bloem, que iria fazer escalas em Rio Grande, Porto Alegre e Santa Catarina, o que me daria oportunidade de conhecer o país, no qual ele gostaria que eu permanecesse.

Escolhi o *Presidente*, desembarcando do *Apa*. O *Presidente* parou em Corrientes, Paraná, Rosário, Buenos Aires, Montevideu e, finalmente, em Rio Grande.

Ao deixar o *Apa*, o Tenente Victor De Lamare deu-me cartas de apresentação para sua família, residente em Rio Grande. Deu-me, também, seu casaco de uniforme, rasgado por um estilhaço da granada que o ferira, durante o engajamento com a chata paraguaia, em Itapiru, para que o entregasse à sua mãe.

Em Rio Grande, pedi ao Comandante Bloem que me acompanhasse na visita, pois estava temeroso quanto à qualidade do meu português. Chegando à casa da família De Lamare,

o Capitão-de-Fragata De Lamare<sup>36</sup>, que era o capitão do Porto, nos recebeu muito amistosamente e nos conduziu para a sala de visitas.

Devo aqui dizer que os hábitos locais são muito diferentes dos nossos; os homens costumam colocar seus braços sobre os ombros de outras pessoas, o que sempre me fez sentir desconfortável.

Depois de algum tempo, a mãe de Victor<sup>37</sup> e as duas irmãs apareceram e eu fiquei imaginando se teria a oportunidade de passar algum tempo com elas, que eram bonitas moças.

A senhora De Lamare colocou as mãos em meus ombros e disse quanto apreciava a minha amizade com seu filho Victor. Eu não estava muito certo sobre o que fazer e, como ela era a mãe de Victor e tinha uma bela aparência, eu decidi que deveria beijá-la, o que fiz. Evidentemente isto não era a coisa certa, porque as três saíram correndo da sala e o Capitão De Lamare<sup>38</sup> ficou branco. O Comandante Bloem pôs-se a rir e disse que era hábito, na América do Norte, beijar a mãe de um rapaz que mandasse uma mensagem do teatro de guerra. Então, a mãe e as duas filhas voltaram rindo e eu logo me senti em casa. Nos poucos dias da minha permanência em Rio Grande, elas fizeram tudo ficar muito agradável para mim. Em nenhum momento, mesmo se eu fizesse alguma asneira, elas criaram algum desconforto. Eram boas moças e muito parecidas com o irmão.

Deixamos Rio Grande, rumo a Porto Alegre, situada em uma elevação, perto da boca de cinco rios. As ruas da cidade eram as melhores que havia visto, no Brasil. Havia um número significativo de belos prédios e casas e, sob todos os aspectos, era uma boa cidade. Encontrei uma grande quantidade de alemães, na liderança de todos os tipos de negócios.

De Porto Alegre seguimos para a Ilha de Santa Catarina. Lá encontrei um cônsul americano que era um bom amigo meu e com quem já havia almoçado duas ou três vezes. Como dois marinheiros de um navio-baleeiro, que

estavam com escorbuto, houvessem sido deixados aos seus cuidados, ele me pediu para tentar convencer o comandante do meu navio para levá-los para o Rio de Janeiro, onde poderiam ser levados para o hospital da Marinha. Um dos homens tinha 18 anos e o outro<sup>35</sup>.

Fiz o pedido ao Capitão Bloem, que concordou, dispensando-lhes todas as atenções, enquanto embarcados, e mandando-os para o hospital, quando chegamos ao Rio de Janeiro. Mais tarde, fui informado pelo cônsul de que havia recebido cartas das mães dos rapazes, agradecendo e participando que eles estavam bem. Nunca acreditei que eles viessem a se recuperar, pois estavam em péssimas condições, devido à falta de alimentos frescos em seu navio de origem

Chegando ao Rio, apresentei o meu pedido de dispensa ao ministro da Marinha, mas ele me disse que gostaria do meu retorno à Esquadra, já que o almirante<sup>39</sup> estava muito satisfeito com os meus serviços. Imagino que se o pedido tivesse sido feito duas semanas antes teria sido aceito. Entretanto, o ministro deu uma ordem ao Departamento de Transportes autorizando que providenciasse minha ida para onde eu quisesse.

## EM VIAGEM PARA A INGLATERRA

Na ocasião, pude confirmar que todos os países são iguais, no que diz respeito ao diálogo com burocratas. Os oficiais subalternos tratam você mal, sem consideração e mandam sempre que "volte amanhã".

Isto aconteceu comigo, quando entreguei a ordem a um subalterno; ele olhou para o papel, tirou o cigarro de trás da orelha e deu uma boa tragada! Disse-lhe que comigo as coisas aconteciam hoje e não eram deixadas para amanhã! Ele retrucou que a ordem não especificava a classe da passagem... Então, o chefe do departamento chamou-me à sua mesa, leu a ordem para o subordinado, estabelecendo que ele deveria me fornecer passagem de primeira classe, para qualquer porto escolhido por mim. Dito isto, entregou-me US\$300.

Sempre achei os oficiais superiores polidos e educados, porém os subalternos são os mesmos em todo o mundo!...

Quando estava pronto para viajar para a Inglaterra, fiz reservas no RMS *Douro*<sup>40</sup>. O custo da passagem variava de 30 a 60 libras, na primeira classe. Escolhi um camarote de 30 libras, dobrando com o Capitão Johnson, da Marinha argentina. Muito embora a cabine fosse muito confortável no porto, não era tão boa quando o navio estava com as caldeiras acesas, em alto-mar.

O camaroteiro era um bom rapaz e me arranhou um beliche numa cabine mais fresca. Então, um amigo do Rio de Janeiro, que tinha uma cabine de 60 libras com um beliche vago, convidou-me a ficar com ele até Liverpool. O capitão argentino ficou naquele forno durante toda a viagem.

Fiquei surpreso ao saber, quando o navio estava pronto para partir, que o Imperador D. Pedro e sua esposa seriam, também, passageiros do mesmo navio, até o porto de Lisboa.

---

---

**Quando o navio se fez ao mar, o Imperador passou a ficar grande parte do seu tempo no convés, mostrando-se tão agradável com os passageiros e com a tripulação quanto havia sido comigo nas entrevistas que me concedera, no palácio e no Arsenal da Marinha**

---

---

Quando o navio se fez ao mar, o Imperador passou a ficar grande parte do seu tempo no convés, mostrando-se tão agradável com os passageiros e com a tripulação quanto havia sido comigo, nas entrevistas que me concedera, no palácio e no Arsenal da Marinha.

Eu instruíra o encarregado dos banheiros para ter o meu banho preparado pela manhã, bem cedo, e então me chamar. Uma manhã custei um pouco a me levantar, achando, então, o banheiro que eu sempre usava ocupado. Vendo um outro banheiro vazio, com a água correndo, apossei-me dele e estava desfrutando um bom tempo na banheira quando bateram à porta, dizendo que o Imperador estava pronto para o seu banho. Percebi, então, que estava no banheiro errado; fiz uma barulheira na banheira, até que a pessoa se retirasse. Saí depressa e corri para minha cabine, antes que a pessoa retornasse...

Mais tarde, descobri, com o encarregado dos banhos, que aquele banheiro estava reservado para o Imperador e que, se eu tivesse tomado o cuidado de olhar em volta, teria visto que estava marcado "privativo". Achei que a água era a mesma usada no meu banheiro, entretanto nunca mais repeti o erro.

Quando chegamos a Lisboa havia uma rigorosa quarentena para os navios procedentes do Rio de Janeiro e todos os passagerei-

ros deveriam ser internados, exceto o Imperador e família. O Imperador recusou-se a permitir isso e disse que o que se aplicava aos passageiros aplicava-se a ele também e que iríamos todos juntos. D. Pedro era um imperador por natureza. Nascera imperador!

## EPÍLOGO

*O texto em meu poder, que será entregue aos arquivos do Serviço de Documentação da Marinha, prossegue relatando, ainda, alguns episódios de viagem, de pouco interesse à História brasileira. Por esta razão deixamos de reproduzi-los.*

*O término do conflito armado, antes da sua partida do Brasil, a substituição de Tamandaré no comando das Forças Navais brasileiras no Rio Paraguai e o afastamento do Imperador D. Pedro II do País, durante cerca de um ano, em vilegiatura pela Europa (1871/1872), devem ter sido fatores determinantes para um provável não retorno do nosso mercenário ao Brasil.*

*Não temos conhecimento da existência de uma continuação dos "relatos de Tomb". Se ela existe não deve ter sido do interesse de quem copiou o texto que ora acabamos de apresentar.*

## CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES> / Tomb, James H. (Cap. EUA) /; Guerra do Paraguai; D. Pedro II; Guerra de Minas;

## NOTAS DO TRADUTOR

1 N.T.- James H. Tomb, Capitão de Mar-e-Guerra da Marinha dos Estados Unidos da América; lutou nas Forças Confederadas durante a Guerra da Secessão - 1861/1865.

2 N.T. - Termo usado de forma genérica para indicar militares das Forças Unionistas, dos Estados do norte dos Estados Unidos da América, que ao vencerem a Guerra da Secessão, restabeleceram a unidade daquele país e os princípios constitucionais da sua fundação.

3 N.T.- O texto não indica a unidade monetária, que, provavelmente, era a moeda argentina da época.

4 N.T. - Refere-se ao Rio Paraguai.

5 N.T. - Navio mercante, provavelmente de bandeira inglesa.

- 6 N.T. - Refere-se ao bloqueio do acesso aos portos fluviais do estado da Carolina do Sul, durante a Guerra de Secessão. A Carolina do Sul foi o primeiro estado a se separar da União.
- 7 N.T. - Deputado Francisco de Paula Silveira Lobo, Ministro da Marinha nos períodos: de 27/Jun/1865 a 27/Jan/1866 e de 18/Fev/1866 a 03/AGO/1866.
- 8 N.T. - Deputado José Antônio Saraiva, Ministro da Marinha nos períodos de: 04/MAI/1857 a 12/DEZ/1858, cumulativamente com a pasta da Guerra; 12/MAI/1865 a 27/JUN/1865, cumulativamente com a pasta dos Estrangeiros; e 27/JAN/1866 a 18/FEV/1866, cumulativamente com a pasta da Guerra.
- 9 N.T. - O nome citado não corresponde ao Diretor/Comandante do Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras da época, o qual segundo registros do AMRJ, era o Inspetor Chefe de Esquadra, Comendador Diogo Ignácio Távora (1858/1865), substituído, ainda em 1865, pelo Inspetor-Chefe de Esquadra Jenuino Lamego da Costa. O citado "Broisneau" deveria ser titular de outro cargo ligado à construção naval, não identificado adequadamente pelo autor.
- 10 N.T.- A falta de preparo do Brasil, nos campos da mobilização e da logística militares, constituíram-se em fatores de fraqueza, muito bem aproveitados por Lopes ao mesmo tempo em que foram, ao lado de outros fatores adversos, responsáveis pela longa duração da campanha.
- 11 N.T.- Ver 8.
- 12 N.T.- Até mais da metade do século XIX, o termo torpedo se referia a artefatos navais explosivos, fixos ou rebocados, hoje classificados como minas. O período da Guerra do Paraguai, coincide com o aparecimento do primeiro torpedo autopropulsado, demonstrado pelo engenheiro inglês Robert Whitehead em 1864. O desconhecimento de tal engenho pelas forças navais em confronto na bacia do Paraguai, apesar do reconhecido aporte de tecnologia inglesa ao Paraguai, justifica o uso do termo "torpedo" no texto original, que conservamos na tradução, adicionando sempre a observação "mina", ao lado. Tal cronologia confirma a especialização do autor - *Captain Tomb* - na varredura e desarme dos torpedos [minas] da época.
- 13 N.T.- Embora o texto não esclareça, deve se tratar de um modelo de algum equipamento para varredura de minas, em uso nas marinhas do hemisfério norte.
- 14 N.T.- Ver 9
- 15 N.T.- Capitão-Tenente Elisiário José Barbosa, promovido ao posto em 13 de janeiro de 1866. Assumiu o Comando do Encouraçado *Tamandaré* em março de 1866, após a morte do 1º Comandante daquele navio, o Primeiro-Tenente Antônio Carlos Mariz e Barros.
- 16 N.T.- Navio Encouraçado de bateria central, construído no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, no ano de 1865. A quilha foi batida em 31 de janeiro de 1865, sendo lançado ao mar 26 de junho do mesmo ano. Foi o primeiro Encouraçado construído no Brasil e o primeiro navio da Marinha Brasileira a ostentar o nome *Tamandaré*, uma homenagem ao Almirante Joaquim Marques de Lisboa, Marquês de Tamandaré. Tinha 160 pés de comprimento total, 30 pés de boca máxima, 10 de pontal e 8,5 pés de calado. Propulsado por máquina alternativa à vapor, tinha como armamento principal uma peça de calibre 70 e duas de calibre 68. Seu primeiro Comandante, o Primeiro-Tenente Antônio Carlos de Mariz e Barros, foi mortalmente ferido durante o bombardeio de Itapirú, em 27 de Março de 1866.
- 17 N.T.- Ver 15.
- 18 N.T.- Idem.
- 19 N.T.- Segunda unidade da Marinha Brasileira a receber este nome, era um transporte de tropas à vapor, deslocando 917 toneladas, adquirido pelo governo brasileiro em abril de 1865. Seu primeiro Comandante foi o Capitão-Tenente Francisco Freire de Borja Salema Garçon, Capitânia da Esquadra na Guerra do Paraguai, em 25 de março de 1866, repeliu um ataque dos paraguaios, por ocasião de um almoço que se realizava à bordo, em comemoração do aniversário do juramento da Constituição.
- 20 N.T.- José Victor De Lamare, Guarda-Marinha de 26/Nov/1863, promovido à Segundo-Tenente em 22/Dez/1865 e à Primeiro-Tenente em 21/Jan/1867.
- 21 N.T.- Ver 20.
- 22 N.T.- Provavelmente o Forte de Itapirú.
- 23 N.T.- Fernando Etchebarne
- 24 N.T.- Navio Encouraçado, construído no Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras, segundo planos do Engenheiro Napoleão Level, nos anos de 1865 e 1866. Teve a quilha batida em 26 de junho de 1865, mesma data de lançamento do *Tamandaré*, o que indica aproveitamento continuado dos mesmos recursos de construção. Tinha 182 pés e 6 polegadas de comprimento e 30,2 pés de boca e era artilhado com duas peças de calibre 68 e duas de calibre 70, raiadas.

Seu primeiro e único Comandante foi o 1º Tenente Américo Brasília Silvano, que pereceu no afundamento do navio.

- 25 N.T.- Primeiro-Tenente (02/12/1857) Américo Brasília Silvano.  
26 N.T.- Ver 25.  
27 N.T.- Idem.  
28 N.T.- Ver 20.  
29 N.T.- Ver 23.  
30 N.T.- Poderia ser Barroso, ainda como Chefe de Divisão, tendo sido o manuscrito incorretamente transcrito na datilografia. Descarta-se a possibilidade da referência ser ao primeiro Comandante do Tamandaré – Mariz e Barros uma vez que este já havia falecido por ocasião do engajamento de Itapirú, anterior ao fato ora descrito.  
31 N.T.- Intérprete alemão, já mencionado no início do texto.  
32 N.T. –Ver 30.  
33 N.T.- Refere-se à passagem de um esquadrão naval Unionista pelas defesas Confederadas, na foz do rio Mississipi, durante a Guerra Civil Americana, sob o Comando do Capitain [CMG] David G. Farragut. Esta manobra forçou a rendição da cidade de Nova Orleans. (Abril/Maio-1862)  
34 N.T.- Francisco Otaviano de Almeida Rosa- Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Império do Brasil, para assinatura do Tratado da Triplíce Aliança.  
35 N.T.- Ver 30.  
36 N.T.- Capitão de Fragata Rodrigo Antônio De Lamare, Comandante da Flotilha do Rio Grande do Sul.  
37 N.T.- Ver 19  
38 N.T.- Ver 33  
39 N.T.- Tamandaré.  
40 N.T.- Vapor inglês. Zarpou do Rio de Janeiro em 25 de maio de 1871, fundeando em Lisboa no dia 12 de junho.

**Não há autoridade como a que se fundamenta na justiça e se exerce pela virtude.**

*Plínio*